



A perseguição histórica às mulheres com conhecimentos de cura: um resgate essencial para a medicina contemporânea

The historical persecution of women with healing knowledge: an essential rescue for contemporary medicine

Daniel Alves¹, Luiz Fernando Lira Bacelar², Monica Alves³, Paola Barreiros Barbieri⁴, Aline Carla de Medeiros⁵ e Patricio Borges Maracaja⁶

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo, à luz do etnoconhecimento, apresentar uma análise do papel e dos desafios que mulheres consideradas bruxas tiveram ao longo de alguns períodos históricos e em diferentes sociedades, devido aos seus conhecimentos na manipulação de ervas e plantas medicinais, evidenciando, assim, a importância de resgatar tais conhecimentos como forma de reparação histórica. Discutirá ainda sobre a importância do reconhecimento deste tipo de conhecimento popular não-científico relacionados às mulheres ditas bruxas para a atualidade.

Palavras-chave: Etnoconhecimento. Bruxaria, Plantas e ervas medicinais. Saúde.

ABSTRACT: The present article aims, in the light of ethno-knowledge, to present an analysis of the role and challenges that women considered witches had throughout some historical periods and in different societies, due to their knowledge in the manipulation of herbs and medicinal plants, highlighting, thus, the importance of rescuing such knowledge as historical reparation. It will also discuss the importance of recognizing this type of popular and non-scientific knowledge related to the so-called witches for today.

Keywords: Ethno-knowledge. Witchcraft. Medicinal plants and herbs. Health.

DOI: <https://doi.org/10.18378/rbfh.v12i1.9818>.

Artigo recebido em 23/01/2023 Aceito em 29/03/2023

¹ Consultor na Agência Brasileira de Cooperação (ABC /MRE) e mestrando em Gestão e Sistemas Agroindustriais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). daniel.alves@abc.gov.br

² Consultor na Agência Brasileira de Cooperação (ABC /MRE) e mestrando em Gestão e Sistemas Agroindustriais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). luiz.lira@abc.gov.br

³ Consultora na Agência Brasileira de Cooperação (ABC /MRE) e mestranda em Gestão e Sistemas Agroindustriais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). monica.alves@abc.gov.br

⁴ Consultora na Agência Brasileira de Cooperação (ABC /MRE) e mestranda em Gestão em Sistemas Agroindustriais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). paola.barbieri@abc.gov.br

⁵ Prof. D; Sc; do mestrando em Gestão em Sistemas Agroindustriais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Pombal – PB alinecarla.edu@g.ail.com

⁶ Prof. D; Sc; do mestrando em Gestão em Sistemas Agroindustriais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) Pombal – PB; Bolcista do CNPq/INSA em Campina Grande – PB. patricio.maracaja@insa.gov.br

INTRODUÇÃO:

O campo do etnoconhecimento considera o saber popular produzido e compartilhado em comunidades locais como valioso patrimônio a serviço destes próprios grupos, bem como de suas gerações futuras.

Conforme Miranda (2009):

Denominamos conhecimentos tradicionais” ou “etnoconhecimentos” aqueles conhecimentos produzidos por povos indígenas, afrodescendentes e comunidades locais de etnias específicas transmitidos de geração em geração, ordinariamente de maneira oral e desenvolvidos à margem do sistema social formal. São conhecimentos dinâmicos que se encontram em constante processo de adaptação, com base numa estrutura sólida de valores, formas de vida e crenças míticas, profundamente enraizados na vida cotidiana dos povos. Podemos, então, considerar etnoconhecimento o conhecimento produzido por diferentes etnias em diferente locais no globo terrestre a partir do saber popular.

Com base no conceito de etnoconhecimento apresentado por Miranda, os autores foram instigados a realizar um estudo sobre as mulheres com poderes de curas, na medida em que essas mulheres consideradas bruxas tiveram seus conhecimentos e saberes cruelmente contestados, difamados e negados ao longo de grande período na história da humanidade, tendo em vista que desafiavam o *status quo* da sociedade.

O conhecimento de alquimia para o preparo de ervas e remédios manipulados por mulheres ditas bruxas curandeiras foi fortemente desconsiderado e ignorado pelos sistemas sociais, como pelo conhecimento científico, principalmente a partir do fim da idade média até o fim do século XII.

Este trabalho pretende trazer à tona uma reflexão sobre o papel histórico da mulher, enquanto curadora, e a necessidade de resgatar e valorizar esses saberes populares e comunitários.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para a elaboração do referido artigo teve como base a pesquisa exploratória, a partir de levantamento bibliográfico sobre o tema em questão. Foram utilizadas cinco plataformas eletrônicas de pesquisa (*google academy*, *scielo*, biblioteca virtual em saúde e *arca*), além publicações impressas e digitais nacionais e internacionais.

CONSIDERAÇÕES SOBRE BRUXARIA

Para Murphy-Hiscock (2021) a bruxaria em si é uma prática que envolve o uso de energias da natureza para ajudar a realizar uma tarefa ou alcançar um objetivo. Em geral, a bruxaria reconhece um deus e uma deusa (às vezes apenas uma deusa) e entende que a magia é um fenômeno natural.

Este mesmo autor resgata “Cunning-folk: Popular magic in English History [Curandeiros: Magia popular na história inglesa]” para explicar que muito além de serem agentes de cura, os curandeiros, originalmente, realizavam quebras de feitiço de pessoas que se entendiam como vítimas de algum tipo de maldição ou quebranto. Para o referido autor, a bruxaria era o solo sobre o qual o trabalho dos curandeiros crescia; quando a crença popular na bruxaria acabou, o papel dos curandeiros também desapareceu.

Ademais, conforme Hiscock (2021), o trabalho de bruxos naturais envolvia o uso de planta para curar o corpo e a mente e geralmente viviam sozinhos ou afastados dos centros sociais, tendo em vista ser mais fácil ouvir a natureza quando mais próximo de flores e campos.

Ainda para o referido autor:

a bruxaria é atualmente muito conhecida com a Wicca, uma religião moderna, alternativa, com base na natureza. Embora ambas tenham semelhanças, incluindo a reverência pela natureza, a Wicca é uma religião formal. Há uma ampla variedade de formas de bruxaria com diversos graus de estrutura.

Russel (2022) desvenda alguns mitos relacionados à bruxaria, dentre os quais destacam-se os seguintes: satanismo não é o mesmo que a bruxaria moderna; a bruxaria não é um fenômeno restrito da idade média, já que ela surge bem no final deste período tendo as grandes perseguições ocorrido durante a renascença, a reforma e o século XVII; as bruxas não eram em sua maioria mulheres velhas, já que muitos homens a praticavam e muitas delas eram bastante jovens e até crianças; que a inquisição não foi a responsável pela caça às bruxas, já que a maioria das perseguições tinha um foco local e também eram conduzidas por autoridades civis, além de eclesiásticas, oriundas de médio escalão. E, por fim, que não houve uma única inquisição unificada, senão várias localmente, não podendo, portanto, minimizar e banalizar as perseguições às bruxas, já que um número delas considerável foi torturada: aproximadamente 110 mil e, de 40 a 60 mil, foram executadas.

HISTÓRICO E CARACTERÍSTICAS DA PERSEGUIÇÃO ÀS MULHERES BRUXA

A perseguição histórica às mulheres consideradas bruxas é um tema recorrente na literatura e na história (HIRASIKE, 2021). Desde a Idade Média até o século XVII, mulheres foram perseguidas, julgadas e condenadas à morte por práticas consideradas heréticas pela Igreja Católica, a exemplo da utilização de elementos da natureza para cura ou tratamento de doenças (LOPES e ALMEIDA, 2019; KRAMER, 2020). Essas mulheres eram vistas como ameaças à ordem social e religiosa e, portanto, foram perseguidas e punidas pelo sistema judicial da época.

Segundo Montero (2019, p. 15), a ideia de bruxaria está fortemente associada à imagem da mulher. Para a autora, a bruxa é uma figura que representa o feminino transgressor, que desafia as normas sociais e religiosas. Corroborando Montero, Caldeira (2019, p. 43), aponta que as mulheres consideradas bruxas eram frequentemente acusadas de praticar magia negra e de possuir pactos com o diabo.

Ainda segundo Caldeira (2019, p. 45), a perseguição às bruxas foi justificada pela ideia de que essas mulheres representavam uma ameaça à ordem social e religiosa. As práticas que realizavam eram vistas como heréticas e consideradas uma afronta à Igreja Católica (FEDERICI, 2019; REIS, 2019; BITENCOURT, 2021 e BISCARO, 2022). Além disso, as mulheres que possuíam conhecimentos sobre a utilização de elementos da natureza para cura ou tratamento de doenças eram vistas como concorrentes dos médicos e farmacêuticos da época, o que também contribuiu para a sua perseguição. Segundo Russell e Alexander (2022, p.174):

A correlação social estabelecida entre bruxaria e mulheres é das mais acentuadas. Durante todo o período de caça às bruxas o número de mulheres acusadas foi aproximadamente o dobro dos homens. Houve variações no tempo e na geografia, no sudoeste da Alemanha, por exemplo, depois de 1620 aumentou o número de homens acusados e, a partir de 1627, crianças foram denunciadas com alguma frequência. Mas essas ocorrências significam apenas que o predomínio feminino era um pouco mais discreto do que em épocas anteriores. O certo é que as mulheres dominaram a bruxaria em todos os períodos e em todas as regiões.

Em Grimório da Bruxas (Hutton, 2021) diversas passagens, com recortes temporal e geográfico, deixam clara evidência sobre a relação entre mulheres e bruxaria, com conotação maléfica, negativa e depreciativa:

(...) Em partes da região indiana de Mysore, acreditava-se que as bruxas eram mulheres afligidas por um espírito maligno que as levava a fazer o mal. (...) Nas Ilhas Salomão, a feitiçaria era atribuída a mulheres que se reuniam à noite para tirar a roupa e dançar. (...) Os Gusii das terras altas do sudoeste do Quênia acreditavam que as bruxas eram geralmente mulheres e corriam nuas à noite carregando um pote de matéria vegetal em chamas. (...). Nos poucos casos de processos reais por feitiçaria, que abrangem todo o período das várias monarquias babilônicas e assírias, os acusados eram todos mulheres. (...) Mulheres foram condenadas à morte por praticar magia em Colônia em 1075, Ghent em 1175, na França em 1190 e 1282 e na Áustria em 1296. A maioria desses casos envolveu uma ou duas vítimas, mas há uma referência crônica à queima de trinta mulheres em um único dia na província austríaca da Estíria, no sudeste, durante 1115, por uma ofensa não registrada que, dada a penalidade, provavelmente era feitiçaria. (...) se manteve a crença tradicional da Mesopotâmia na existência de bruxas, que geralmente se supunha serem mulheres. (...) Um hino creditado a São Patrício pede proteção divina contra os 'feitiços de mulheres, ferreiros e druidas'. (...). Do outro lado do Velho Mundo, nas Ilhas Trobriand, os habitantes falavam de mulheres que voavam nuas à noite, mas invisíveis para as vítimas, reunidas em recifes no mar para tramar o mal e removiam órgãos de humanos vivos para canibais (...). Em média em todo o continente, cerca de três quartos dos julgados eram mulheres, mas esse número esconde grandes variações locais (...). No início do período moderno, o roubo de leite era um dos crimes mais comuns dos quais as mulheres eram acusadas nos julgamentos de bruxas polonesas. (...) Alguns povos estabeleceram a ideia de que as bruxas poderiam tomar forma animal entre sistemas mais complexos de crença. Os Kuranko de Serra Leoa pensavam que as bruxas, que chamavam de suwagenu e acreditavam sempre serem mulheres, tinham esse poder e o usavam para causar danos maliciosos a outros humanos (...). Em 1991, foi criado um gueto na antiga capital de Mamprusi de Gana, no qual 140 mulheres foram

A perseguição histórica às mulheres com conhecimentos de cura: um resgate essencial para a medicina contemporânea

confinadas permanentemente por suspeita de bruxaria, para viver na pobreza (...) Na Nova Guiné, uma jovem foi queimada viva em 2013 na frente de centenas de espectadores, incluindo a polícia, e duas outras mulheres torturadas e decapitadas publicamente na ilha de Bougainville, no arquipélago de Salomão do Norte.

Em resumo, a perseguição histórica às mulheres consideradas bruxas foi uma realidade cruel e injusta que se estendeu por séculos. Essas mulheres foram vítimas de um sistema patriarcal que as via como ameaças à ordem social e religiosa e que as punia por práticas que, hoje em dia, seriam consideradas comuns e até mesmo benéficas para a saúde.

De acordo com Lima e Sznicer (2017), o jogo de interesses da igreja, estava ligado à maioria dos homens que praticavam a cura, com as mulheres tidas como feiticeiras, ou bruxas, principalmente por atenderem outras mulheres e levarem conhecimentos passados por gerações sobre a utilização de plantas para a elaboração de venenos ou algumas ervas como remédios. Isso culminou na elaboração do documento inquisitorial *Malleus Maleficarum*, que chega a associar a queda de vários impérios às mulheres.

Apesar do dano provocado por esse documento inquisitorial, de acordo com Michelet (2003), foi justamente o conhecimento que essas mulheres possuíam em relação a diversas ervas, apesar de pouca formação, que as permitiu ajudar tantas pessoas durante os séculos XV, XVI e XVII, mesmo sendo perseguidas.

Portanto, conforme Hutton (2021):

Aquilo que caracterizou os primeiros julgamentos de bruxas na Europa moderna como essencialmente uma guerra travada por homens contra mulheres se baseou no fato indubitável de que a figura da bruxa continua sendo uma das poucas encarnações do poder feminino independente que a cultura ocidental tradicional legou até o presente.

Retomando Russell (2022, p.174), o autor afirma que o estereótipo da bruxa é ainda tão poderoso que causa estranheza para a maioria das pessoas saber que existem bruxos e, portanto, atribuem à contraparte masculina da bruxa ao feiticeiro.

O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE AO LONGO DO TEMPO

Historicamente, pode-se observar um movimento onde a mulher e o feminino passaram de uma posição central, como curadoras, cuidadoras e mesmo, como deusa, na antiguidade, onde a vocação de cura era associada ao sagrado, traço que perdura ainda hoje em muitas culturas indígenas existentes (TEIXEIRA e RANGEL, 2017). Contudo, particularmente no início da era moderna, com os movimentos globalizadores, ensejados pelos europeus, associados aos esforços de catequização, esta visão do feminino e da cura foi rechaçando, substituindo e/ou relegando a segundo plano, quaisquer práticas de cura em que a mulher tivesse um papel central.

O desenvolvimento do pensamento científico, sobretudo sob o pensamento cartesiano, que traz em seu cerne profunda cisão entre corpo e mente, trouxe graves consequências para o papel da mulher enquanto curadora e para a própria natureza, uma vez que a realidade passou a ser entendida quase que exclusivamente a partir de um ponto de vista da objetividade e do visivelmente observável, criando um abismo entre o domínio do visível e o do invisível: a concepção, a gravidez, o parto, o cuidar do lar; todos elementos que mantêm a saúde, assim como todas as contribuições das mulheres à

medicina e a saúde, foram ignorados e trivializados (BARBOSA, 2014). Os espaços de cura e saúde nos quais outrora as mulheres ocupavam papel central, hoje estão tomados por instituições altamente masculinizadas, onde o cuidar ainda é predominantemente exercido por mulheres e considerado uma atividade subalterna, secundária.

Outro aspecto curioso é compreender o porquê de historicamente a mulher e o feminino terem ocupado uma posição central como curadoras e cuidadoras, e o motivo pelo qual esse lugar ter sido rejeitado e substituído por práticas dominadas por homens, sobretudo após a era moderna, ignorando as contribuições das mulheres para a medicina e saúde.

RESGATE DOS SABERES POPULARES E COMUNITÁRIOS NA CONTEMPORANEIDADE

Mesmo sob intensa perseguição, as mulheres bruxas demonstraram um conhecimento profundo sobre as propriedades medicinais das plantas. Conforme destaca Michelet (2003), muitas dessas mulheres, apesar de sua pouca formação formal, foram capazes de ajudar e curar diversas pessoas ao longo dos séculos XV, XVI e XVII (VICENTE, 2012; VAQUINHAS, 2018). Seus conhecimentos sobre ervas medicinais eram passados de geração em geração, representando uma sabedoria ancestral que estava enraizada nas práticas tradicionais de cura.

A abordagem relacionada à alquimia para o preparo de ervas e remédios manipulados por mulheres ditas bruxas curandeiras remete a duas vertentes que dialogam entre si. Na primeira delas Quirino (2015) apresenta o conceito denominado saber dominado, de Foucault (2009) que se relaciona:

(...) a uma série de saberes que tinham sido desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível requerido de conhecimento ou de cientificidade (...)

A segunda delas, relaciona-se à notável ausência de diálogo científico com saberes comunitários e leigos populares ao longo destes séculos. Segundo Santos (2005), a ecologia dos saberes é justamente o diálogo necessário que a ciência deve se predispor a realizar com os conhecimentos não-científicos que circulam na sociedade.

Ainda para Santos, “a universidade contribuiu para a desqualificação e mesmo destruição do conhecimento não-científico, e que, com isso, contribuiu para a marginalização dos grupos sociais que só tinham a seu dispor essa forma de conhecimento”.

Portanto, a importância do resgate desses saberes populares e comunitários das mulheres no uso medicinal de ervas está diretamente relacionado à diversidade de conhecimentos e práticas terapêuticas que foram suprimidas e perdidas ao longo do tempo.

Resgatar os saberes dessas mulheres no uso medicinal de ervas é uma forma de reconhecer sua contribuição histórica para a saúde e o bem-estar da sociedade. Além disso, promove a valorização da diversidade cultural e do conhecimento tradicional, enriquecendo as práticas de saúde contemporâneas. O diálogo entre a ciência e os saberes populares pode resultar em avanços significativos no campo da medicina, proporcionando um cuidado mais integrado, holístico e acessível às comunidades.

Nesse contexto, pode-se considerar que as inúmeras iniciativas desenvolvidas pela agência das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, conhecida como ONU Mulheres, no sentido de cumprir com o seu objetivo de coordenar as ações em prol da igualdade de gênero no mundo, podem vir a contribuir para o início do processo de resgate proposto neste artigo (VAEZA, 2023).

O resgate dos saberes populares e comunitários das mulheres no uso medicinal de ervas é um processo que deve envolver o reconhecimento e a valorização da contribuição histórica dessas mulheres para a saúde da sociedade. Após séculos de perseguição e marginalização, é fundamental promover a inclusão desses conhecimentos tradicionais nos cuidados de saúde contemporâneos.

Ao longo da história, as mulheres bruxas foram vítimas de um sistema patriarcal que as punia por práticas que, hoje em dia, reconhecemos como benéficas e fundamentais para a saúde. Seus conhecimentos profundos sobre as propriedades medicinais das plantas eram passados de geração em geração, representando uma sabedoria ancestral enraizada nas práticas tradicionais de cura. No entanto, conforme mencionado anteriormente, esses conhecimentos foram desconsiderados e marginalizados pelo pensamento científico dominante, que excluiu os saberes não-científicos e comunitários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resta claro que o resgate desses saberes populares e comunitários não se trata apenas de uma questão de justiça histórica, mas também de valorização e enriquecimento das práticas de saúde contemporâneas.

O diálogo entre a ciência e os saberes populares possibilita uma abordagem mais integrada e holística da saúde, considerando a diversidade de conhecimentos e práticas terapêuticas existentes. Além disso, valorizar esses saberes contribui para a preservação da diversidade cultural e para a promoção da equidade no acesso aos cuidados de saúde.

É fundamental reconhecer e valorizar o papel das mulheres como curadoras e detentoras de saberes ancestrais. O resgate desses saberes pode vir a ser liderado por uma instituição que luta por uma governança inclusiva feminina, como o ONU Mulheres, sendo um passo importante na construção de uma sociedade mais justa, que reconhece a importância das práticas tradicionais e comunitárias na promoção da saúde e no bem-estar das pessoas, oferecendo os créditos de direito às mulheres.

Ao se valorizar e integrar esses saberes populares no campo da saúde, tornar-se-á possível avançar em direção a um cuidado mais abrangente, que considera as dimensões físicas, emocionais, sociais e espirituais do indivíduo.

Portanto, o resgate dos saberes populares e comunitários das mulheres no uso medicinal de ervas e plantas é uma ação essencial para reverter os danos causados pela perseguição histórica às bruxas e para promover uma abordagem de saúde mais inclusiva, integrada e culturalmente sensível. O reconhecimento e a valorização desses conhecimentos tradicionais são passos importantes para construirmos um sistema de saúde que respeite e valorize a diversidade de saberes e as práticas terapêuticas existentes, podendo assim, inclusive, contribuir para a ampliação do espaço já existente relacionado à medicina alternativa na sociedade.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Neusa Helena Rocha. Navegando nas águas da ecologia humana e do feminino profundo. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília 2014.213p.

BISCARO, Renata. Servas do diabo: o estereótipo da bruxa e a mulher no Malleus Maleficarum. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).2022. 50p.

BITENCOURT, Silvana Maria; ANDRADE, Cristiane Batista. Trabalhadoras da saúde face à pandemia: por uma análise sociológica do trabalho de cuidado. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, p. 1013-1022, 2021.

HIRASIKE, Roseli; BASTAZIN, Vera Lúcia. A figura da bruxa sob a perspectiva teórica de René Girard, na poesia de Amanda Lovelace. **Revista Desenredo**, v. 17, n. 3, 2021.

HUTTON, Ronald. Grimório das Bruxas, tradução: Fernanda Rizado. Dark Side Books e Macabra. 1 ed. 2021.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **O martelo das feiticeiras**. Editora Record, 2020. FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas**. Boitempo Editorial, 2019.

LIMA, Thaynara Morganna de Souza; SZNICER, Andréia. de curandeiras e benzedoras para bruxas: o papel da mulher nesse contexto na Europa. Organizado por: BUENO, André; CREMA, Everton; ESTACHESKI, Dulceli; NETO, José Maria. Jardim de Histórias: discussões e experiências em aprendizagem histórica. Rio de Janeiro/União da Vitória: Edição Especial Ebook LAPHIS/Sobre Ontens, 2017.

LOPES, Igor Gonzaga; ALMEIDA, Edivânia TM Costa. Feitiçaria e relação com o diabo: o discurso inquisitorial sobre a heresia feminina no século XVIII. **Emblemas**, v. 16, n. 1, 2019.

MICHELET, Jules. A Feiticeira, tradução: Ana Moura- São Paulo: Aquariana, 2003.

MIRANDA, Marcos Luiz Cavalcanti. A organização do etnoconhecimento: a representação do conhecimento afrodescendente em religião na CDD1 Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda. Revista África e Africanidades - Ano I - n. 4 – Fev. 2009 - ISSN 1983-2354. www.africaeaficanidades.com

MJI, Gubela. Women as healers and indigenous knowledge systems and its holders: An intertwined epistemological and ontological struggle for recognition. 2019. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK559870/> . Acesso em 24 abr. 2023.

MURPHY-HISCOCK, Arin. Bruxa natural: guia complete de ervas, flores, óleos essenciais e outras magias; tradução de Stephanie Borges. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2021.

RUSSEL, Jeffrey B; BROOKS, Alexander. História da Bruxaria; traduzido por Álvaro Cabral, William Lagos. 4. ed. São Paulo: Goya, 2022.

QUIRINO, Glauberto da Silva. Saber científico e etnoconhecimento: é bom pra quê? Scientific and traditional knowledge: it is good for what? **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 21, n. 2, 2015

A perseguição histórica às mulheres com conhecimentos de cura: um resgate essencial para a medicina contemporânea

REIS, Marcus Vinicius. O quadro de perseguição à feitiçaria no mundo português quinhentista através da produção dos discursos patriarcal e misógino. **Escritas do Tempo**, v. 1, n. 1, p. 72-98, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. A universidade do século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. 2 ed. São Paulo: Cortez. 2005 (Coleções questões da nossa época; v 120).

TEIXEIRA, Samila Ferreira; RANGEL, Tauã Lima Verdan. REFLEXÕES SOBRE O ABORTO COMO POLÍTICA PÚBLICA. **Acta Scientia Academicus: Revista Interdisciplinar de Trabalhos de Conclusão de Curso (ISSN: 2764-5983)**, v. 2, n. 04, 2017.

VAQUINHAS, Irene. Memória e História das Mulheres e de Gênero: uma reflexão a partir do caso português. **Memória Coletiva. Memória Individual e História Cultural, Org. Rosangela Patriota; Alcides Freire Ramos**, p. 98-129, 2018.

VICENTE, Filipa Lowndes. A arte sem história: mulheres e cultura artística (séculos XVI-XX). Athena (Babel), 2012.

VAEZA, M. N. Sobre a ONU Mulheres. ONU MULHERS, 2023. Disponível em: WWW.ONUMULHERES.ORG.BR. Acesso em 20 de maio de 2023.